

DOSSIÊ – VIVÊNCIAS E RODAS DE CONVERSA

PESQUISA ACADÊMICA E ISOLAMENTO SOCIAL: RELATO DE UMA EXPERIMENTAÇÃO

ACADEMIC RESEARCH AND SOCIAL ISOLATION: REPORT OF AN EXPERIMENTATION

Júlia Maria Ferreira Leite¹

Resumo: O presente trabalho relata a experiência da condução da pesquisa acadêmica em meio ao isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19. Junto a leituras, encontros virtuais e família vários atravessamentos são os condutores de uma produção em vida. Uma experimentação contínua e infinita que se confunde com a própria vida: esta obra de arte que somos nós. Procura-se trabalhar com as vivências de uma pesquisadora, mãe e trabalhadora, em isolamento social com sua família e todo experimentar que surge desse novo modo de (con)viver. Numa tentativa ensaística, a produção textual trafega nas experiências diárias da pesquisa junto à família e à falta de um “Teto todo seu”. O relato constitui-se de uma introdução seguida de excertos que dialogam entre si, como cortes que exploram a potência das vozes presentes no texto.

Palavras-chave: Experimentação; escrita; pesquisa.

Abstract: This paper aims to report the experience of conducting academic research in the midst of social isolation imposed by the COVID-19 pandemic. Along with readings, virtual meetings and family, several crossings are the drivers of a living production. A continuous and infinite experimentation that merges with life itself: this work of art that we are. It seeks to work with the experiences of a researcher, mother and worker, in social isolation with her family and all the experiences that arise from this new way of (con)living. In an essayistic attempt, the textual production moves in the daily experiences of research with the family due to the lack of a “ceiling all yours”. The report consists of an introduction followed by excerpts that dialogue with this introduction and with each other, being cuts that explore the power of the voices present in the text.

Keywords: Experimentation; writing; research.

Introdução

Um olhar... uma importância.

Certeau, Vik Muniz², Outros e eu...

Então, assim... somos convocados a desnaturalizar nosso olhar, para que possamos tornar visível o invisível. Ver o ordinário, a beleza e a complexidade de viver o dia. Preparar o almoço, caminhar até a escola, comunicar-se... tudo complexo, natural e metodológico.

O olhar de Certeau, o olhar de Vik Muniz, o meu olhar... aproximação, distanciamento. Diferentes formas de perceber um mesmo objeto, diferentes formas de compreender uma mesma ação. Quais táticas usaremos junto à academia para fazer acontecer nossas pesquisas? Qual perspectiva escolheremos como condutoras de nosso caminhar até a escrita?

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil.

² MUNIZ, Vik. Documentário Lixo Extraordinário (https://youtu.be/JLTY7t8c_x0).

Nas leituras, meus olhos se voltam para Deleuze e a literatura. Muitas pedras no meio do caminho. Toda a tradição que me falta. Todos os filósofos. Tudo que foi dito, pensado, inventado. Sinto-me perdida em um limbo intelectual. Como produzirei minha escrita? Excessos, teorias, desfoque. Onde estará o meu foco? Em que mão agarrarei para seguir em frente?

Às vezes tenho a impressão de que todas as questões me levam para um só lugar: a linguagem. Tudo se dá na linguagem. Para Leite (2016) a liberação da língua se dá através dos poros.

O olhar me leva à importância. O que importa para mim? O que importa para a pesquisa?



Figura 2 – Eu, Drummond (e o sorveteiro) – Fonte: acervo pessoal da autora

Sobre importâncias

*Que a importância de uma coisa há que ser medida
pelo encantamento que a coisa produza em nós.*

Manoel de Barros

Sentada à mesa com uma folha A4 totalmente em branco em minha frente. Lápis 6B à mão e a cabeça vazia.

Desejo de escrita e nada para colocar no papel. Fiquei assim algum tempo. Desejava uma inspiração que não vinha. Ao meu lado, sobre a mesa, um livro de Drummond espreitava. Antologia. A presença do poeta me acalmava. Mas eu não sou Drummond e a inspiração andava flinando longe dali.

Apareceu um menino ao pé da mesa. Meu menino. Sou mãe e a solidão e o sossego são irreais e indesejáveis nessa casa. Uma vez li em Woolf (2014) que a escrita feminina era mais recortada por causa das interrupções que a mulher sofria em sua sala de estar, único local que a mulher do século XIX tinha para escrever. Falta de um teto todo seu. É verdade. Woolf sabia do que estava falando. Nós mulheres, ainda hoje, escrevemos sob interrupções.

O menino chegou e queria atenção. Tentou colo, falou algo, resmungou e vendo que eu estava absorta pelo papel em branco, tentou algum alento com Drummond.

Acontece que o menino de 5 anos não sabia decifrar palavras e aquele livro sem desenhos não tinha muito a dizer a ele. Acolheu o livro como um objeto qualquer. Manuseou e encontrou, dentro, algumas fotos antigas da mãe.

A mãe, o tio e a tia no Rio de Janeiro. Cristo redentor, Copacabana... e a mãe sentada ao lado da estátua de Drummond, beira mar.

Para mim fazia algum sentido guardar minha foto junto ao poeta dentro do livro de poesias. Pieguismo bobo. Como cartas de amor e fotos de amantes dividindo a mesma caixa dentro de um baú.

O menino foleou o livro e olhou a foto. Intrigado, sem me olhar, disse: ‘veja mamãe, o sorveteiro na praia’.

Por um segundo abandonei minha entrega que implorava pela deusa *Inspiração* e olhei para a criança. Que diacho de sorveteiro é esse, meu deus?

Olhei a foto e pela primeira vez pus reparo no sorveteiro ao lado da estátua. Achei engraçado e sorri.

A criança viu o sorveteiro onde eu via saudade e representação. Puro foco e interesse. Entendi Manoel de Barros em seu poema *Sobre Importâncias*. “O que importa é o encantamento que a coisa produz em nós” (BARROS, 2010, p. 107). Eu via Drummond. Ele, na pureza de seus 5 anos, via o sorveteiro. O que podia importar mais?

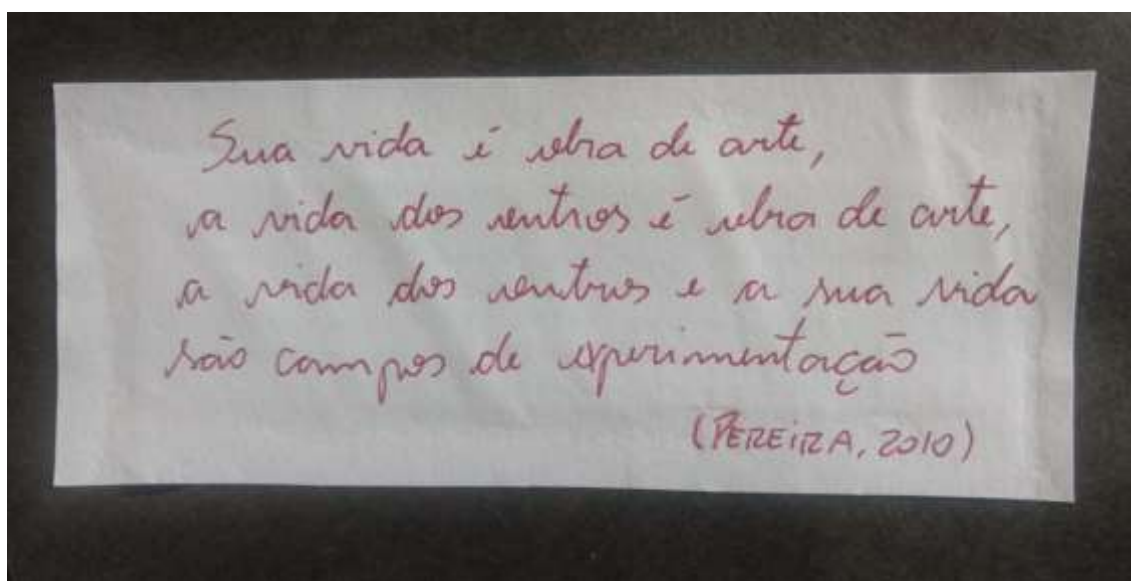


Figura 3 – Foto de citação – Fonte: acervo pessoal da autora

Um pouco de história

Após aprovação no doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da UFJF – PPGE-UFJF, passaram-se alguns tempos até a efetivação da matrícula e o início das aulas. O processo de seleção foi finalizado em novembro de 2019 e o início das aulas estava previsto para agosto de 2020.

Acontece que em março de 2020, algo inesperado se deu. O mundo foi surpreendido com uma pandemia: a COVID 2019 que teve início na China e espalhou-se por todo o planeta. Novo momento, novas regras. Como forma de contenção da doença, foi recomendado pela OMS que todos ficassem em casa, mantendo distanciamento social.

O acontecimento COVID 19 promoveu mudanças, agenciou ansiedades, revolveu medos, alterando vidas. E em meio a todas as angústias, o PPGE-UFJF, em uma árdua luta, conseguiu planejar o início das aulas para outubro de 2020 no formato de ensino emergencial remoto.

Assim, em outubro de 2020 eu me vi uma doutoranda “presa” dentro de casa, o que de início, frustrou todo o meu desejo pelo doutoramento. E a pesquisa? E os encontros que trariam pulsação aos estudos? Senti-me só.

Vidas alteradas: as escolas fechadas trouxeram as crianças para dentro de casa. Trabalhadores, quando possível, adaptaram-se aos trabalhos remotos. Quem tratava a doença com a responsabilidade que ela requeria só saía de casa quando era realmente necessário.

Por aqui, as coisas se (des)organizaram assim: Eu, meu esposo e minhas duas crianças, dentro de casa, em isolamento social. Eu, servidora pública em trabalho remoto. Esposo, professor em dolorosa adaptação aos meios online de ministrar suas aulas. Enormes discussões e reflexões sobre o que esperar desse ensino que se propõe. As crianças, alunos de escola privada, rapidamente tiveram o sistema remoto implementado e uma educação precária foi se moldando. E assim nos fazemos nós... Um pai professor, uma mãe estudante e trabalhadora e duas crianças estudantes, todos em pleno envolvimento com suas demandas pessoais remotas. O pai, nas *americanas.com* comprou dois novos computadores e absorveu os gastos que a escola *in loco* demandou já de saída.

Eu, mesmo dispondo de minha casa, fiquei sem espaço e, por um tempo, me esqueci das leituras de filosofia que amparariam meu projeto de pesquisa e voltei à questão do feminino explorada durante o meu mestrado. Como escrever? Certamente, neste contexto, não se tratava de uma questão de gênero. Homens e mulheres encontravam-se igualmente confinados. Era uma nova condição social que se apresentava. Como produzir pesquisa acadêmica presa dentro de uma casa com outras três pessoas, sendo duas crianças que me demandam todo o tempo. Penso, junto a Woolf (2014) que se o assunto é controverso não se pode esperar a verdade, só se pode mostrar como se chegou a ter a opinião que se tem.

Preocupo-me com meu caçula, sendo alfabetizado pela tela.

E minhas demandas de trabalhadora chegando por *e-mail*. E as aulas remotas. E o trabalho invadiu a casa. E o sindicato invadiu a casa. E a escola invadiu a casa. E o lar, para onde foi?

- Mãe, a conexão caiu!
- Mãe, o computador bugou.
- Mãe, a tia pediu pra fazer esse exercício.
- Mãe, tem recadinho na plataforma moodle.
- Mãe, o que vai ter pro almoço?
- Mãe, o meião do futebol está lavado?
- Mãe, olha o desenho que eu fiz!
- Mãe, por que vc está nervosa?
- Mãe, me dá um abraço?
- Mãe, o yacult acabou.
- Mãe,

Impossível passar por esta experiência sem rememorar “Um teto todo seu”, ensaio de Virgínia Woolf e me perguntei onde estava o “teto todo meu”. Onde está o meu lugar? Como escrever mediante todas as interrupções? Como estudar? Como abordar assuntos para além da *superfície*?

“Um teto todo seu” é uma reflexão acerca das condições sociais da mulher e a sua influência na produção literária feminina. A escritora pontua em que medida a posição que a mulher ocupa na sociedade acarreta dificuldades para a expressão livre de seu pensamento,

para que essa expressão seja transformada em uma escrita sem sujeição e, finalmente, para que essa escrita seja recebida com consideração, em vez da indiferença comumente reservada à escrita feminina na época (Séc. XVI-XIX).

Woolf discorre sobre a assimetria dos papéis sociais destinados à mulher e ao homem fazendo-se a pergunta: “Se Shakespeare tivesse tido uma irmã de igual talento, teriam os dois as mesmas possibilidades de trabalhar com seu potencial criativo?” Ela procura discorrer sobre como o papel social destinado a cada sexo interfere no desenvolvimento de uma habilidade, por vezes nata. Uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio se quiser escrever.

Bem, aquela mulher do século XVI ao XIX não tinha dinheiro (em seu nome), nem um espaço próprio para sua escrita devido às questões tão sérias de opressão pela qual o sexo feminino passou e passa até hoje. Para a autora, uma mulher precisa de dinheiro e de um espaço próprio para escrever ficção.

E eu me via neste mesmo lugar, embora por motivos diversos. A pandemia me roubara o teto todo meu e me vi na tensão de leituras e escritas em meio ao lar habitado. 100% habitado. Tomado. Ocupado. Faltava-me um lugar para estar a sós com minha pesquisa, enamorando, apreciando, amadurecendo o pensamento.

Pegando carona no pensamento de Virgínia, e repensando a discussão, talvez possamos ter a pretensão de afirmar que uma mulher precisa de espaço próprio para produzir qualquer escrita, não só ficção. Assim, refaço a pergunta da escritora: Quais as condições necessárias para a produção de uma escrita?

É no ócio, nos sonhos que a verdade submersa as vezes vem à tona. O trabalho imaginativo não cai como uma pedra no chão, como na ciência. Ficção é como uma teia de aranha, presa por muito pouco, mas ainda assim presa à vida pelos quatro cantos. Muitas vezes estar presa é quase imperceptível. (WOOLF, 2014, p. 20)

Tenho uma intenção... contar um pouco de minha experiência, nos primeiros passos de meu doutoramento no contexto de isolamento social promovido pela COVID19. Eu e a casa. Eu e os barulhos. Como passar um dia inteiro nesse lugar com a mente perdida em pensamentos? Um pensamento passa e deixa seu rastro pela sala e oscila minuto a minuto no entre das coisas, da vida, da rotina... Como capturar o pensamento e trazê-lo para o papel?

- *Mamãe, me ajuda a fazer um acróstico?*
- *E o que é um acróstico?*
- *É assim ó, as palavras bonitas com as letras do meu nome.*
- *Ah, tá! Ajudo sim. Espera só um pouco.*

Em meio ao trabalho em um lar que agora era também sala de aula, sala de sindicato, secretaria de unidade acadêmica, eu tentava fazer minhas leituras interrompidas pelos barulhos de um lar invadido por outros espaços. Comecei a ler em voz alta e a ouvir a minha voz rouca. A experiência de ouvir as palavras escritas por Virgínia me faziam compreendê-las de uma forma ainda mais potente. Experimentações.

Ah, meu deus! A pesquisa. Um eu suplica: por favor, me dê a mão e me ajude nessa travessia. Vamos! Sigamos de mãos dadas. Como Drummond, não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. Diria eu em meu furor: melhor mesmo, seria ir no colo para não deixar nem mesmo pegadas. O doce lugar do anonimato. A proteção da não-exposição. Um eu medroso que se esconde e teme a palavra que quer romper. O outro eu implora: me solte, me liberte para que minha produção seja livre e viva. Desejo ter asas como o anjo *nada torto* de Adélia (2014).

Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa de si mesmo, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos. (...) Recebemos chicotadas que latem como artérias. Perdemos sem cessar nossas ideias. É por isso que queremos tato agarrarmo-nos a opiniões prontas. Pedimos apenas que nossas ideias se encadeiem segundo um mínimo de regras constantes, e a associação de ideias jamais teve outro sentido: fornece-nos regras protetoras, semelhança, contiguidade, causalidade, que nos permitem colocar um pouco de ordem nas ideias, passar de uma a outra segundo uma ordem do espaço e do tempo, impedindo nossa ‘fantasia’. (...) É tudo isso que pedimos para formar uma opinião, como uma espécie de guarda-sol que nos protege do caos. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 20)

Lembrei que um dia eu estava apresentando um trabalho em um Colóquio e minhas crianças romperam o escritório eufóricas me contando que haviam achado um objeto que há muito estava desaparecido em casa. Tive tendência a pedir desculpas aos participantes do evento porque meus filhos haviam invadido nossa reunião. Depois me veio que eu não devia desculpas a ninguém. Helena estava em sua casa, alegre, eufórica. Havia alegria no momento. Ela não estava errada. O espaço invadido era o dela. A invasão era do trabalho na casa e não o contrário. E quando tentamos moldar a casa, amordaçar todo o corpo da casa para que funcione de uma forma diferente do que funcionava antes, tentamos construir algo que não é um lar, é outra coisa. Sendo o mesmo.

Produzir pesquisa...

Tudo caminha para o melhor. É preciso relaxar, desfocar a atenção, romper com o eu que encena para se jogar no abismo da permissão da fruição. Permitir o fluxo. Para deixar-se tocar. Envolver-se. Misturar-se. Amálgamas que trarão outros possíveis, outros afetos. Por favor, eu lhe peço: permita-se.

Não queremos perder nossas ideias. Desejamos retê-las, amordaçá-las, levá-las para o papel. Mas há um desejo de mudança: um outro lugar para a pesquisa. A filosofia, a arte e a ciência querem que rasguemos o firmamento e que mergulhemos no caos, diz o filósofo.

Lutar contra a opinião. É isso que nos protege do caos. Como a poesia poderia me ajudar? O poeta Lawrence, em *O caos na poesia* nos ensina que o poeta abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso.

E nessa luta tão intensa. Ah, que saudade da academia! Aquela velha, boa e controlada academia, onde eu podia, tendo em mãos um conceito, destrinchar textos alheios dizendo que só eu sabia sobre eles porque eu havia lido e me apossado de um conceito. Agora, Deleuze ensina que o pensamento não tem mais imagem. Não ousa analisar ninguém. Sinto vergonha quando me traio e explico alguma coisa. E tudo vem confuso. E minha voz se esconde. Tenho gaguejado também. Sempre a me desculpar pelo que ainda não sei. As forças lutam querendo se impor. Sou autoritária. Não, controladora. Perdoem-me por isso também. Quero tudo organizado em minha mente. Isso eu sei. Isso, eu não sei. Isso é útil. Isso não. Deleuze é bonito. Ele é branco, hétero e europeu. E eu o acho bonito. Talvez deva pedir desculpas por isso também. Eu também, Drummond, estou presa à vida e olho meus companheiros. O que fazer com todo o senso comum que me habita? Como rasgar os postulados que aniquilam o pensamento? A literatura é um prato cheio. Certamente que é. Quem como a arte pode compor tão bem com o pensamento sem imagem? Olha, Barros brincando com a imagem! Borges anuviando um conceito de Aleph! Clarice enlaçando eus em um tempo-espaço impossível!

Chegou minha criança. “Mamãe, eu sonhei que você era uma dobradora de natureza e eu e o papai era um só”. Que sonho lindo! Quem dobra a natureza é como uma deusa no *Minecraft*.

Não ousou te contar meu sonho, criança! Não ousou porque sou muito feliz e quando por um lapso vejo uma ameaça, mesmo que distante, sofro.

Eu pensei...

Pensei no Devenir pesquisador. Devenir pesquisa.

Qual é o lugar do campo teórico diante de minha questão investigativa? Caminhos a serem trilhados para chegar ao meu objeto. Ao visível e sensível. O algo que desejo investigar.

Olhei para dentro, contemplei e vi. O meu caminho precisa ser traçado, mas ainda não posso traçá-lo com traços visíveis. São muitas linhas, em várias direções. (Fugir a isso é desviar da vida?) Puro rizoma. Um labirinto. “Linhas de articulações ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 18)

Agenciamentos em conexão com outros agenciamentos. E a minha escrita? Com o que funcionará? Em conexão com o quê meu texto irá passar intensidade? Em que multiplicidades minha escrita se introduz?

(...) multiplicidade, linha, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 18)

Para Deleuze e Guattari, a única questão, quando se escreve, é saber com que outra máquina a máquina literária pode estar ligada, e deve ser ligada, para funcionar.

Ligar a máquina. Fazer funcionar a pesquisa.

Fiquei com essa questão... ligar minha máquina literária.

Levantei-me e fui à estante. Lá estava Baudelaire e *As Flores do Mal*. Livro preto, ar sinistro, com a foto do autor. Na contracapa o poeta dizia que

Todas as belezas contêm... alguma coisa de eterno e alguma coisa de transitório – de absoluto e de eterno. A beleza absoluta e eterna não existe... O elemento particular de cada beleza vem das paixões e como temos as nossas paixões particulares também temos a nossa beleza. (BAUDELAIRE, 1981, p. contracapa)

Achei engraçada a citação, lembrei-me de meu marido dizendo ao meu caçula que, para o sapo, o ideal de beleza é a sapa. Achei perfeito. Baudelaire e Voltaire em potente diálogo sobre a beleza.

Pensei no Flâneur...

Flâneur de Baudelaire. Esse eterno do transitório que está em constante busca pela experiência, com o dentro e o fora, esse que observa sem ser visto, que é observado sem perceber.

O Flâneur é um ser que vaga pelas ruas apenas a contemplar a vida, encanta-se com ela mas não a vive, pelo menos na produtividade do fazer definido pelo mundo capitalista. (...) ser flâneur “é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado flâneur ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas”. (RIO, 1997, p. 51).

Eu quero a experiência. A experiência do Flâneur. A filosofia de Deleuze. Mais tarde descobri que não busco experiências, mas experimentações.

(Deleuze não trabalha com a dimensão de experiência. Ele trabalha com a noção de experimentação. Para Deleuze a experimentação diferente da experiência é um processo involutivo. A experiência vem marcada como acúmulo de saberes. Tem sempre um saber que antecede a experiência. A ideia de experimentação é pensar que podemos vivenciar o espaço sensível, cotidiano, sem mediação de nenhuma ordem, sem ideias prévias, sem mediação de conceitos pré-estabelecidos. Por isso, quando empreendemos uma experimentação nós não saímos engrandecidos, não acumulamos fatores ou fatos para usarmos futuramente. A experimentação é um processo contínuo, infinito, que não chega a termo. Se confunde com o próprio pensamento e com a própria vida. Para Deleuze a experimentação está ligada a um empirismo radical, ligada a um processo de crença na imanência, no poder criador da vida. Quebrar com os pressupostos e vivenciar o campo empírico sem mediação de nenhuma ordem e... construir algo).³

Minha pesquisa sorria discretamente para mim, tímida em um cantinho da aula remota.

Construir algo.

Vivenciar o campo empírico.

Quebrar pressupostos.

Rasgar o guarda-sol.

Pensei na questão dos óculos teóricos que se ancoram também nos grupos de pesquisa nos quais nós estamos inseridos. Voltei-me ao Travessia Grupo de Pesquisa (PPGE/UFJF).

Um olhar para a pesquisa: do alto, de longe, de perto. Um olhar de flâneur, (por enquanto).

Pensei em nós pesquisadores da linha 3, do PPGE/UFJF. Um olhar que se recusa a perder a sua subjetividade. O desejo de experimentar cada detalhe de forma lenta e sensitiva. Somos flâneurs, sempre dispostos a descobrir coisas novas a partir daquilo que experimentamos. Não apenas interessados na arte, mas saboreando e indo além, pois amamos a novidade.

Nessa relação pesquisa-pesquisador, contemplação e ociosidade são fundamentais para a composição. Eu pensei de novo em nós pesquisadores... pensei no relato de uma professora que para finalizar sua pesquisa apenas dormia e finalizou. Escreveu a conclusão num sonho! pensei nesse ócio produtivo, no tempo necessário... esse amadurecimento que a pesquisa exige. Dizem que um excesso de ética produtiva inibe o espírito farejador. Creio nisso.

Por último, pensei também que preciso dissolver o EU. “Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU”. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 17) Estou no início...

Tesouros encontrados



Figura 4 – Batati sem os olhos – Fonte: acervo pessoal da autora

³ Pensado junto a Christian Vinci em <https://youtu.be/0jmrQSpBAF8>.

Certa vez, sumiram os olhos do Sr. Cabeça de batata. A família inteira procurou e procurou muito, mas não havia nem sinal deles.

O Batata era o brinquedo preferido do menino Ulisses e ele não se conformava em vê-lo sem seus olhinhos arregalados. “Coitado do *Batati*, não pode ver nada desse jeito!”, repetia o menino para a mamãe.

A mãe, tentando ser otimista dizia: “Não há com o que nos preocuparmos, os olhos não podem ter saído da casa sozinhos. Estão aqui dentro, vamos encontrá-los”

Mas ninguém os encontrava e passados muitos dias, uma desistência tácita abateu-se sobre todos e ninguém procurava mais já ensaiando um conformismo com a situação. E assim, o Batata viveu por anos sem seus olhos até que um dia, desfazendo-se de um velho móvel, os olhos apareceram, surgindo da total improbabilidade. E a alegria se fez!!!

Hoje, o Batata repousa entre aqueles que viraram recordação. Este é o fim da história dos olhos do Batata, mas em casa de crianças, as coisas somem e aparecem, às vezes desaparecem para sempre. E assim se deu novo evento...



Figura 5 – Batati com os olhos – Fonte: acervo pessoal da autora

Dessa vez o que sumiu foi o livro *Gemas e Pedras Preciosas*. Era objeto muito amado. O papai dera de presente para Ulisses este guia de pedras e o menino amava cada detalhe. Iria crescer e seria garimpeiro. Ficaria rico com um tesouro encontrado e a mamãe seria presenteada com um diamante de muitos quilates.

Mas, o livro desapareceu e... vamos lá... a família inteira procurando. A mamãe começou com a mesma conversa: “Livro não tem pernas. Está aqui dentro de casa. Vai aparecer uma hora ou outra”. Mas o menino não queria esperar anos como foi com os olhos do Batata.

E todos procuravam, principalmente as crianças.

Mamãe para estimular, ofereceu um prêmio para aquele que encontrasse o livro. As crianças não acharam justo apenas um ganhar o prêmio já que os dois estavam procurando, então combinaram de dividir o prêmio entre eles. E procuravam... e nada...

Um dia, mamãe estava trabalhando no escritório. Mediava uma mesa de discussões filosóficas em um encontro deleuziano e... no meio da conversa... uma algazarra invadiu o escritório. Bem no meio da fala da mamãe. As crianças gritavam eufóricas disputando quem daria a notícia primeiro: Encontraram o livro, o tesouro fora achado.

A mamãe tentou contê-los fazendo sinais com as mãos para além do alcance da câmera, mas a alegria impedia qualquer compreensão. “Achamos o livro, achamos!!!”

Mamãe sorriu. Alguns participantes do evento online sorriram também. O encontro teve que esperar. As crianças falaram, mamãe confirmou que daria o prêmio no dia seguinte e voltou para a mesa de discussões.

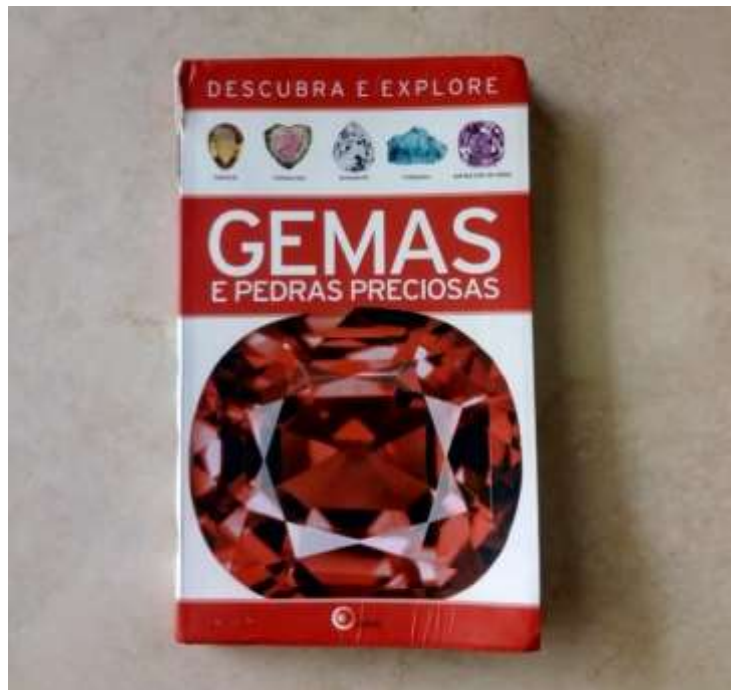


Figura 6 – Gemas e... – Fonte: acervo pessoal da autora

Referências

ANDRADE, C. D. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

BARROS, M. de. *Memórias Inventadas*. São Paulo: Ed. Planeta do Brasil, 2010.

BAUDELAIRE, C. *As flores do mal*. Tradução de Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Editora Max Limonad, 1981.

CERTEAU, M. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Tradução de Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. v. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.

LAWRENCE. *O caos na poesia*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/405596819/Lawrence-caos-Em-Poesia>.

LEITE, M. V. *Como corpo lançado em sala de aula tornou-se patas ao chão, língua ao vento. Cartas, passeios e peles em sala de aula*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

MUNIZ, Vik. *Documentário Lixo Extraordinário*. Disponível em: https://youtu.be/JLTY7t8c_x0.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Organização de Raúl Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PEREIRA, Marcos Villela. Pesquisa em educação e arte: a consolidação de um campo interminável. *Revista Iberoamericana de Educação*, n. 52, janeiro-abril, 2010, p. 1-80. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=80013049002>.

PRADO, A. *Bagagem*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Bia Nunes de Souza. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Sobre a autora

Júlia Maria Ferreira Leite. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Secretária Executiva Bilíngue do Governo Federal. *E-mail*: julia.ferreira@ufjf.edu.br.